

AS MULHERES NA FILOSOFIA: RELATOS DE UMA PESQUISA

Dra. Maria Simone Marinho Nogueira¹

RESUMO

Minha participação nesta mesa-redonda é fruto de uma provocação. Trata-se de tentar responder a pergunta feita por uma ou outra pessoa da Filosofia: “por que não há mulheres filósofas?”. Na Contemporaneidade, por exemplo, muitas mulheres se destacaram no cenário da filosofia, nomes como o de Hannah Arendt, Simone Weil, Edith Stein e Maria Zambrano são apenas algumas ilustrações de uma escrita que estamos chamando de feminina e que pode e deve ser resgatada. Na Idade Média, meu recorte nesta mesa-redonda, apesar de um maior domínio da figura masculina, também houve um pensamento feminino mais ligado, entretanto, à mística. Encontramos, assim, uma gama de escritoras femininas que, de alguma forma, nos permite pensar numa reescritura da história, sejam seus textos lidos como transgressores, destituídos de sentido ou, simplesmente, escritos mais com o corpo do que com a razão. É o pensamento dessas mulheres que queremos trazer à tona, oferecendo uma possível reflexão sobre *saber* e *poder* na Filosofia Medieval.

Palavras-chave: Saber; Poder; Masculino; Feminino; Mística

Introdução

Este texto apresenta parte do Relatório de uma pesquisa PIBIC (cota 2016 – 2017), realizada na UEPB e financiada pelo CNPq que teve como título *Por uma Filosofia no Feminino – Um Resgate das Mulheres na História da Filosofia*². Nelaprocuramos mostrar que houve uma produção filosófica significativa feita pelas mulheres no decorrer da História da Filosofia. Para tanto, a qualificação do principal problema a ser apresentado consistiu no levantamento, organização e análise de um *corpus* de textos produzido pelas mulheres ao

1 Professora da Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba e Professora Colaboradora da Pós-Graduação em Filosofia da UFPB. Possui Doutorado em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Atualmente desenvolve pesquisa sobre *as mulheres na Filosofia*. e-mail: mar.simonem@gmail.com Site do grupo de pesquisa que coordena: <http://nucleos.uepb.edu.br/principium/>

2 Retoma também minha fala sobre *saber feminino e poder masculino na mística medieval* feita no dia 14 de outubro de 2017 no **X ENCONTRO INTERINSTITUCIONAL (DOUTORADO INTEGRADO EM FILOSOFIA UFPE-UFRN-UFPB)**, realizado em Recife, 14 a 16 de agosto de 2017.

longo da história filosófica. Logo, tratamos de dar voz às mulheres, à medida que suas produções foram divulgadas e mesmo não tendo como foco central a questão de gênero, a pesquisa não deixou de chamar a atenção para o gênero feminino, posto que foi esta produção a evidenciada, contribuindo, assim, ainda que indiretamente, para a inserção deste grupo no lugar que lhe é de direito, ou seja, também na História da Filosofia.

O problema abordado, portanto, procurou responder, no mínimo, três perguntas: 1. As mulheres realmente tiveram/tem uma produção filosófica que nos permite falar de uma filosofia no feminino? 2. Se sim, este conjunto de texto, pelo menos em parte, trata de questões filosóficas independente de gênero, como defende Warnock ou de questões feministas como quer Lloyd? 3. É possível fazer uma investigação sobre as mulheres na História da Filosofia sem se envolver nas discussões de gênero, ou seja, defender uma filosofia no feminino sem entrar nas discussões de uma filosofia feminista? Como hipótese inicial de trabalho, a resposta para as três perguntas foi afirmativa, no entanto, a revisão da literatura atual não é tão pacífica e, é preciso reconhecer, que a abordagem que aqui foi assumida seguiu na contramão da tendência da literatura sobre a produção feminina existente, seja esta filosófica ou não.

Quanto à metodologia, esta foi pautada pelo ritmo da biblioteca, ou seja, a proposta desenvolveu-se por meio de pesquisa bibliográfica, eminentemente reconstrutiva, procurando desvelar a presença das mulheres na História da Filosofia por meio do levantamento das suas obras.

As mulheres na filosofia

O projeto, cujo relatório agora se apresenta, foi fruto de uma provocação (ou provocações) e nasceu, também, como uma espécie de prolongamento de outros projetos de extensão e de pesquisa, assim como de alguns componentes curriculares ministrados na Graduação e na Pós-Graduação de Filosofia e de algumas conferências e alguns Minicursos ministrados na UEPB e em outras Instituições de Ensino Superior no Brasil³.

3 O Projeto de Extensão (PROBEX, Cota 2012-2013) teve como título: SANTAS E HEREGES – AS VOZES FEMININAS NA FILOSOFIA MEDIEVAL. Tratava-se de uma exposição itinerante que percorreu várias Universidades (UEPB, UFPB, UFCG) e Escolas da Rede Pública do Ensino Médio (de Campina Grande) apresentando e resgatando a filosofia

Em relação à provocação tratou-se de procurar a resposta a uma pergunta sempre feita por um ou outro/a aluno/a em alguma altura do Curso de Filosofia: “por que não há mulheres filósofas?” ou, retomando a apresentação do livro organizado por Maria Luisa Ribeiro Ferreira, *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*, “[...] por que é que as mulheres não fizeram/fazem filosofia?” (FERREIRA, 2010, p.9).

A interrogação, segundo Ferreira, é falsa e tal falsidade pode ser verificada facilmente:

Trata-se de interrogação cuja falsidade facilmente se demonstra em relação aos dias de hoje, mas que também pode ser verificada no tocante a outras épocas. Pela investigação que então desenvolvi, tomei consciência de que, no que respeita a essa temática, reinava a maior das ignorâncias e que urgia tornar conhecidas certas vozes inexplicavelmente silenciadas (FERREIRA, 2010, p.8).

É exatamente a urgência de tornar conhecidas não só de um público especializado, mas também de um público leigo, essas vozes inexplicavelmente silenciadas que justificou, de alguma forma, a relevância do projeto realizado. Por um lado, queremos mostrar que houve e há mulheres pensadoras na História da Filosofia e, por outro, queremos resgatar essas vozes femininas, incentivando outros académicos a incluir nos seus programas de Cursos e nas suas pesquisas a filosofia feita pelas mulheres.

Neste sentido, acreditamos que do ponto de vista académico o projeto se apresentou como importante uma vez que colocou à disposição da

desenvolvida pelas mulheres na Idade Média. O posterior (PROBEX, Cota 2015-2016) teve como título: A FILOSOFIA E A MULHERES – CICLO DE DEBATES E ATIVIDADES (que em parte foi retomado na pesquisa) e teve como objetivo apresentar, divulgar e debater, por meio de uma série de atividades, o pensamento feminino na História da Filosofia, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e a Modernidade até a Contemporaneidade, não só com a Comunidade Acadêmica, mas também com todos os interessados, inclusive com alunos do Ensino Médio. Os Projetos de Pesquisa dizem respeito às cotas PIBIC 2012-2013, 2013-2014, 2014-2015 e 2015-2016, todos abordaram com maior ou menor ênfase figuras femininas da História da Filosofia. Já os Componentes Curriculares foram Tópicos Especiais em Mística Medieval e Seminário em Mística Medieval (ambos na Graduação em Filosofia da UEPB), onde trabalhei com o pensamento somente das mulheres. Uma Disciplina na Pós-Graduação (Mestrado em Filosofia da UFPB), onde abordei pensadoras místicas medievais e contemporâneas. Uma outra disciplina, recentemente finalizada na Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB), onde dei aulas sobre *autoria feminina* (esta foi dividida com a Profa. Dra. Luciana Deplagne). Para terminar, dentre as várias Conferências e Minicursos, ministrei na Faculdade Católica de Fortaleza, o Minicurso FEMININO, EROTISMO E SAGRADO e, na Universidade de Brasília, A MÍSTICA FEMININA NA IDADE MÉDIA. Isso apenas para ilustrar que o atual Projeto procura articular as minhas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, ao mesmo tempo em que representa uma maior maturidade na abordagem do tema proposto.

comunidade universitária informações até então desconhecidas ou mal discutidas que podem lançar novas luzes sobre a importância do pensamento feminino na História da Filosofia, quando se pensava ser feito este apenas por homens⁴.

Por fim, esperamos também que a pesquisa em torno do pensamento das mulheres possa não só ampliar o olhar da sociedade em torno deste tema, contribuindo para a inclusão de um pensamento de gênero⁵, refletido na serenidade que o tema merece (sem anacronismos e sem vitimizações), como também, redimensione o olhar daqueles que fazem filosofia para uma História da Filosofia que inclua também o pensamento feito por mulheres, num reconhecimento legítimo das suas capacidades intelectuais e num reconhecimento paradoxal de que muitos filósofos silenciaram as mulheres à medida que foram responsáveis pela criação de certos estereótipos sobre elas⁶.

De qualquer modo, acreditamos que foi possível visualizar, ainda que a título

4 Apenas para darmos um exemplo, quando fizemos uma exposição sobre o projeto no Hall do CIAC (UEPB, *Campus I*), muitos professores do Curso de Filosofia visitaram a exposição e alguns comentaram que nunca ouviram falar de algumas filósofas que ali estavam sendo expostas. Ou, quando levamos esta mesma exposição para uma Escola de Ensino Médio na cidade de Areia. Um aluno nos interpelou: “como nós vamos estudar essas mulheres na Filosofia se elas não aparecem nos livros didáticos?” A minha resposta foi: “são projetos como esses, hoje, que forçam a entrada dessas mulheres nos livros didáticos, amanhã”.

5 Estamos pensando muito mais em inserção social do que em gênero, propriamente dito, como procuramos deixar claro ao longo da pesquisa. Também não podemos deixar de considerar nossa proposta como importante no Brasil, posto que há pouca pesquisa em língua portuguesa sobre tal tema. Ao contrário do que ocorre em alguns países de língua inglesa, como os Estados Unidos, por exemplo. A partir dos anos 1960, com os movimentos feministas, tal temática ganha força a ponto de entrar nos Currículos Universitários e nos seus Projetos de Pesquisa. Nomes como o de Janet Robert, Christine Battersby, Nancy Tuana, dentre outros, se destacam, para não esquecermos uma obra impactante que funda todo este debate sobre o lugar das mulheres na sociedade, pese todo o radicalismo feminista que ela carrega, *The feminineMystique* de Betty Friedan. Quando iniciamos a pesquisa tivemos conhecimento apenas de estudiosas isoladas que estudavam as mulheres na Filosofia e que organizavam alguns eventos e conseqüentemente publicavam, como o recente livro *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico* (2015), fruto de um evento ocorrido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em outubro de 2015. Mais recentemente foi lançado o livro *Filósofas* (2016), organizado por Juliana Pacheco. Ambos são coletâneas de artigos que versam sobre a produção das mulheres na filosofia. À medida que avançamos fomos tomando conhecimento de outras mulheres ou grupos que têm procurado fazer esse resgate também. Por exemplo, recebemos um e-mail da professora Helenice Piovezani, de Santa Catarina, que teve conhecimento do Projeto e nos informou, gentilmente, sobre sua publicação sobre *As mulheres na filosofia* (volumes I e II). Também foi criado na ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia) o GT *filosofia e Gênero*, totalmente voltado para discussões sobre filosofia feminista. Como vemos, os estudos sobre o tema da nossa pesquisa vêm crescendo no nosso país, o que demonstra não só interesse por parte dos acadêmicos, mas também a necessidade de discutir a produção filosófica feminina e ajudar a desconstruir um mito que não mais se sustenta. Sejam trabalhos mais voltados para o resgate da produção feita pelas mulheres na filosofia, sejam trabalhos mais voltados à defesa de uma filosofia feminista (incluindo aí uma forte discussão de gênero), não importa. O que importa é que todos esses trabalhos ajudam a romper barreiras, a vencer preconceitos, a dar a conhecer e a insistir, também, na inclusão das mulheres que pesquisamos nos livros didáticos de Filosofia, por exemplo.

de ilustração, a presença da mulher ao longo da História da Filosofia sem deixar, entretanto, de levar em consideração os momentos históricos em que estiveram inseridas.

Por exemplo, na Idade Média, assim como na Antiguidade, houve também um maior domínio da figura masculina. Mesmo assim, encontramos uma gama de escritoras que, de alguma forma, nos permite pensar numa reescritura da história, sejam seus textos lidos como transgressores, destituídos de sentido ou, simplesmente, escritos mais com o corpo do que com a razão. Na Modernidade ou na Contemporaneidade muitas mulheres também se destacaram no cenário da filosofia, nomes como o de Hannah Arendt, Simone Weil, Edith Stein e Maria Zambrano são apenas alguns exemplos de uma escrita que estamos chamando de feminina e que pode e deve ser resgatada. É o pensamento destas mulheres, dentre outras, que trouxemos à tona neste projeto, não só mostrando que houve e há mulheres filósofas, como, neste resgate, fazer outras tantas provocações capazes de ampliar nossos horizontes de sentidos para um modo de pensar no feminino.

Aqui temos um primeiro problema colocado com muita clareza por Ferreira, no seu artigo *As mulheres entram na filosofia*, que diz respeito à pergunta: *haverá uma filosofia feminina?* Posta da seguinte da forma:

[...] será que as mulheres fazem filosofia de um modo diferente dos seus colegas? O “modus philosophandi”, temática recorrente no universo filosófico, é hoje recolocado pelas feministas. Mas não é uma questão pacífica. A discussão de uma filosofia feminina divide as investigadoras que levantam problemas quanto à diversidade de metodologias e quanto à relevância do sexo na produção filosófica (FERREIRA, 2001, p. 68).

A pergunta da estudiosa portuguesa reconduziu nosso olhar para o título do nosso projeto – e conseqüentemente para o que queríamos com ele alcançar – e nos obrigou a esclarecer o que estamos chamando de uma *filosofia no feminino*. Sabemos, como nos mostra a citação acima, que a questão não é pacífica, mas tivemos pelo menos como ponto de partida um posicionamento

6 Christine de Pizan, já no século XV tem esta percepção quando afirma na sua obra mais conhecida, *A cidade das damas*: “Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos” (2012, p. 52).

muito claro do que estamos chamando de uma *filosofia no feminino*.

Tomamos como exemplo duas estudiosas contemporâneas. A inglesa Mary Warnock e a australiana Geneviève Lloyd. Ambas possuem formação em filosofia, escrevem, dentre outros temas, sobre as mulheres, mas têm opiniões diferentes no que diz respeito à filosofia feita pelas mulheres. Para Warnock uma filosofia no feminino (feita por mulheres) não tem nada a ver com gênero; por outro lado, Lloyd defende que a forma como as mulheres fazem filosofia é completamente diferente do modo como os homens a fazem. Podemos, a partir destes dois exemplos, dizer que há uma que pode ser chamada de *filosofia no feminino* e outra que pode receber o nome de uma *filosofia feminista* e a definição de Ferreira no seu artigo *Spinoza, Hobbes e a condição feminina* para estas duas categorias nos satisfaz (pelo menos até este momento), por isso a utilizamos.

Uma ***filosofia no feminino***, cruzando-se muitas vezes com uma filosofia feminista, **não tem o caráter aguerrido desta, não se afirma como movimento, não visa imediatamente a uma alteração do *status quo***⁷. É certo que o trabalho que desenvolve é o material consistente que as feministas utilizam para dar força a seus argumentos e para racionalizar as suas pretensões. **Contudo, os problemas a que remete e a metodologia que utiliza são pautados pelo ritmo da biblioteca, e não da “ágora”, as águas em que se move privilegiam o ensaio em detrimento da notícia jornalística.** Sendo seu objetivo dar visibilidade às mulheres num domínio em que aparentemente tiveram um estatuto de sombras, a sua tarefa é eminentemente reconstrutiva, quer desvelando a presença oculta (porque indireta) da mulher na história da filosofia, quer destacando no território filosófico coordenadas femininas que dele estiveram afastadas, quer mostrando a produção filosófica das mulheres pela divulgação de textos que por várias razões se mantiveram desconhecidos. Numa palavra: **uma filosofia no feminino inclui todas as linhas que permitam revelar a presença da mulher na filosofia** (FERREIRA, 2010, p. 139 - destaques nossos).

É fato que a divisão e a conseqüente conceituação apresentada por Ferreira também não é ponto pacífico entre os/as estudiosos/as. De qualquer maneira, o que queremos deixar claro é que o projeto desenvolvido não foi um projeto de gênero, ou seja, enquanto há toda uma linha de investigadoras que seguem o pensamento de Lloyd⁸, pensamos ser possível, sem desconsiderar a

⁷ Nesta parte do texto ela destaca o que considera ser uma *filosofia feminista*, assim como afirma em alguns parágrafos anteriores a este quando escreve: “Assim, considero **filosofia feminista** aquela que se debruça essencialmente sobre a temática dos direitos da mulher, tendo como fim último denunciar abusos, identificar preconceitos e anular injustiças” (FERREIRA, 2010, p. 138).

⁸ Como Moulton e Rudick, por exemplo.

importância de uma *filosofia feminista*, trabalhar na linha de investigação de uma *filosofia no feminino*, quer dizer, trabalhando no *ritmo da biblioteca* e não da *ágora*, resgatando assim o pensamento das mulheres que fizeram filosofia ao longo da história. Trata-se, portanto, não de analisar se a filosofia produzida pelas mulheres é diferente da produzida pelos homens⁹, mas sim de mostrar que houve e há uma produção filosófica feita pelas mulheres.

Logo, para a qualificação do principal problema abordado, deveríamos responder, no mínimo, três perguntas, como já destacamos na introdução e retomamos aqui: 1. As mulheres realmente tiveram/tem uma produção filosófica que nos permite falar de uma *filosofia no feminino*? 2. Se sim, este conjunto de texto, pelo menos em parte, trata de questões filosóficas independente de gênero, como defende Warnock ou de questões feministas como quer Lloyd? 3. É possível fazer uma investigação sobre as mulheres na História da Filosofia sem se envolver nas discussões de gênero, ou seja, defender uma *filosofia no feminino* sem entrar nas discussões de uma *filosofia feminista*? As respostas para as três perguntas foram afirmativas e serão retomadas agora.

Em relação ao primeiro questionamento, podemos afirmar, sem sombra de dúvida e com a certeza de quem fez uma extensa investigação, que há uma produção filosófica feita pelas mulheres ao longo da História da Filosofia, isto para ficarmos apenas com as produções que vão até o final do século XX. Temos consciência da dificuldade de nos aproximarmos das produções mais recentes na medida que isso implica discutir uma série de questões que não abordamos aqui. Neste sentido, optamos por deixar de fora as mulheres mais recentes assim como a produção que nos é mais próxima como a produzida na América do Sul. Não porque a consideramos sem importância, mas, pelo contrário, porque isso demandaria um outro projeto, quem sabe, no futuro, um projeto sobre a produção filosófica feminina sul-americana.

Quanto à segunda pergunta, embora não tenha havido tempo para uma investigação mais rigorosa, podemos dizer, com base nas leituras de algumas das produções femininas, assim como tendo por base os títulos das produções

⁹ Isso pode até ser feito, mas num outro momento, se sentirmos a necessidade de fazer um trabalho de comparação entre a Filosofia produzida pelos homens e a produzida pelas mulheres.

e o conhecimento de um pouco da vida das suas escritoras, que os temas abordados tratam de questões filosóficas independente de gênero e também de questões feministas que incluem necessariamente as discussões sobre gênero. Ou seja, nem todas as mulheres que fizeram ou fazem filosofia escrevem necessariamente sobre questões feministas. Para isso damos um exemplo de quatro filósofas mais conhecidas: Simone de Beauvoir, Edith Stein, Hannah Arendt e Simone Weil.

Simone de Beauvoir filosofou a partir das questões de gênero, defendeu, portanto, o ponto de vista do feminismo, denunciando e refletindo sobre o lugar das mulheres na sociedade. Edith Stein, apesar do peso que a fenomenologia exerce na sua filosofia, também abordou questões feministas nas suas reflexões, apesar de tratar de outros temas na sua filosofia. Já Hannah Arendt construiu todo seu pensamento filosófico em torno do tema da política, sem jamais se posicionar em termos de uma *filosofia feminista* e, Simone Weil, que chega mesmo a se pronunciar como não feminista, também optou por trabalhar outras temáticas na sua filosofia, como, dentre outras, a questão da opressão e do trabalho, sem deixar de lado a poesia e a mística. Assim, encontramos nas produções visitadas temas que vão desde reflexões sobre política, ética, religião, mística, lógica, estética até questões feministas. Logo a resposta para a segunda pergunta exige que substituamos a conjunção alternativa “ou” pela aditiva “e”. Logo, o conjunto de textos catalogados trata de questões filosóficas independente de gênero e, também, de questões feministas. Assim, um dos resultados a que chegamos talvez seja a de não valer a pena pensar separadamente colocando de um lado, por exemplo, o posicionamento de Warnock (nada de gênero) e o de Lloyd (só gênero). Afinal, pensamos sempre a partir de um lugar que nos é próprio: é daqui que falamos!

Quanto à terceira questão sobre a ideia de uma *filosofia no feminino* ou uma *filosofia feminista* – conforme a diferença apontada por Ferreira (2010, p.139), não conseguimos chegar a uma resposta fechada porque não tivemos tempo hábil para proceder a tal análise. De qualquer modo, consideramos que as filósofas, mesmo quando não abordam a condição feminina (a partir de um ponto de vista de uma *filosofia feminista*) se colocam, naturalmente, como mulheres tão capazes quanto os homens de pensar e, portanto, de fazer filosofia. Neste sentido, esquadrinham ideias e demarcam espaços, escrevendo

a partir dos seus *lugares* e se posicionando em relação a uma sociedade que ainda tem muito o que aprender em relação às ideias de pluralidade, diferenças e respeito.

De qualquer modo, gostaríamos de reforçar que o que estamos chamando de *filosofia no feminino* nada mais é, além da definição de Ferreira (*op. cit.*,2010), a produção filosófica feita pelas mulheres em todos os períodos da História da Filosofia. Neste sentido, não importa muito quais temas essas mulheres abordam. Se são temas mais feministas, em que lutam aguerridamente e explicitamente pelos seus direitos e pelos seus espaços; se não são temas tão feministas assim, como no caso, sobretudo da filosofia desenvolvida nos períodos Antigo e Medieval. Nestes períodos, elas também se manifestam à sua maneira e também procuram ocupar os seus espaços, tanto é assim que algumas pagaram um preço muito alto por essa luta. Logo, o que pareceu, em princípio, uma questão muito relevante no projeto, acabou se mostrando como acessória. O mais importante não é uma discussão entre uma *filosofia no feminino* ou uma *filosofia feminista*, mas a constatação de que há uma *filosofia feita por mulheres ao longo da história da filosofia*.

Por fim, gostaríamos de destacar não ser possível acrescentar a catalogação realizada no projeto neste texto, uma vez que esta consta de muitas páginas e isso ultrapassaria o limite máximo de laudas exigido aqui. Além disso, ainda queremos melhorar esta catalogação, no sentido de fazermos uma apresentação mais rigorosa do ponto de vista filosófico.

Em relação ao objetivo geral: *mostrar que houve uma produção filosófica significativa feita pelas mulheres ao longo da História da Filosofia*, pensamos tê-lo alcançado, não só por tudo que pesquisamos, como também pela catalogação que foi realizada das obras de autoria feminina. Já no que diz respeito aos objetivos específicos, não conseguimos realizá-los, na sua totalidade, tais quais apresentamos no projeto, devido ao fator tempo que foi mal calculado na nossa proposta. Aliás, a observação do que se pretendia trabalhar no período de 12 meses foi feita pelo parecerista do projeto que sugeriu: “recomenda-se ao orientador, ao longo do desenvolvimento da pesquisa: revisar o universo de estudo para garantir maior "viabilidade de execução da proposta", conforme o período de vigência de 12 meses do programa, efetuando o recorte temporal para duas fases (ao invés de quatro)”. Tanto é assim que inicialmente o projeto

possuía quatro fases que, posteriormente, foram reduzidas para três.

De toda forma, conseguimos, mesmo sem o rigor que queríamos, levantar as obras produzidas pelas mulheres nos quatro períodos da História da Filosofia, obtendo mais informações no período compreendido entre os séculos XV a XX. De qualquer modo, catalogamos todas as obras levantadas e procuramos fazer uma classificação por temas no conjunto dos textos catalogados. Isso se deu com mais rigor filosófico no período medieval por se tratar da nossa área de especialização e, assim, conhecermos relativamente bem os textos catalogados. Não ocorreu o mesmo nos outros períodos da História da Filosofia. Na Antiguidade pela própria escassez de fontes diretas, nos obrigando a lidar, na maior parte do tempo, com fontes indiretas e isso dificultou o nosso trabalho. Já no que diz respeito ao período da Modernidade e da Contemporaneidade, por uma questão de tempo, tivemos que nos contentar com o conhecimento que tínhamos de filósofas mais conhecidas. As outras, devido ao grande volume da produção, precisaram ser pensadas, na terceira fase do projeto, apenas pelos títulos e algumas indicações de suas obras. Tudo isso para podermos pensar um pouco sobre uma maior tendência para produção de uma *filosofia no feminino* ou de uma *filosofia feminista*. Logo, pensamos ter abordado todos os objetivos propostos, embora não tenhamos realizados alguns na sua plenitude. Mesmo assim, consideramos que o objetivo maior foi alcançado.

Como metas dos objetivos expostos, oferecemos, sobretudo ao público filosófico de língua portuguesa¹⁰, um estudo quantitativo e qualitativo sobre a produção filosófica feminina.

Divulgamos o trabalho de Pesquisa que tem sido feito no *Principium* – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval, incentivamos os alunos do Curso de Graduação de Filosofia da UEPB e da Pós-Graduação de Filosofia da UFPB¹¹ a realizar trabalhos de investigação sobre a filosofia produzida pelas mulheres, contribuindo assim para um maior esclarecimento sobre este tema e despertamos o interesse pela filosofia produzida pelas mulheres também de um público *lato sensu*, uma vez que a pesquisa foi levada

10 Ainda há poucos trabalhos neste sentido na nossa língua.

11 No mês passado uma orientanda minha defendeu o TCC sobre o pensamento de Simone Weil e, na última seleção do Mestrado em Filosofia da UFPB, uma ex-orientanda minha foi aprovada com um projeto sobre Marguerite Porete que eu irei orientar. Isso mostra que a produção feminina, aos poucos, vai começando a ocupar o seu espaço na Academia.

para algumas Escolas de Ensino Médio da rede pública e privada.

Já em relação à metodologia, retomando a citação de Ferreira que fizemos mais acima para diferenciar *filosofia no feminino* de *filosofia feminista*, podemos dizer que o método para o desenvolvimento do projeto se pautou pelo ritmo da biblioteca, ou seja, nossa proposta desenvolveu-se por meio de pesquisa bibliográfica, eminentemente reconstrutiva, procurando desvelar a presença das mulheres na História da Filosofia por meio do levantamento das suas obras. Desta forma, a metodologia passou por algumas fases. Nestas, levamos boa parte da pesquisa fazendo o levantamento das obras produzidas pelas mulheres. O trabalho no ritmo da biblioteca foi fundamental e, com o acréscimo do ritmo da tecnologia, nosso trabalho se viu facilitado uma vez que tivemos acesso a uma série de ambientes acadêmicos virtuais que nos permitiu fazer a pesquisa com mais amplitude. Mesmo assim, devido ao grande volume de trabalho, demoramos muito, como já dissemos, nessa primeira fase. Depois, de posse do levantamento realizado, catalogamos os textos listados. Por fim, numa terceira fase, saímos da questão quantitativa e entramos na questão mais qualitativa da pesquisa, analisando algumas obras e também as ideias gerais de algumas delas, bem como seus títulos para verificação da hipótese levantada (a representação de uma *filosofia no feminino*).

Considerações finais

Em termos acadêmico/científicos, podemos dizer que a pesquisa proposta resgatou, em parte, a escrita desenvolvida pelas mulheres na História da Filosofia¹², uma vez que este foi o seu objetivo principal. Quer isto significar que uma nova leitura pode ser feita a partir deste resgate, uma vez que muitos, mesmo na Academia, desconsideram (às vezes por puro preconceito, às vezes por falta de conhecimento) a existência de um *corpus* de textos filosóficos significativos produzidos pelas mulheres. Apenas para ilustrar, como afirmam Cirlot e Garí (1999, *passim*), ao tentar responder ao que aconteceu com as mulheres da Idade Média para que conseguissem se desfazer de algumas

¹²Não podemos deixar de chamar atenção para a obra monumental de Mary Ellen Waithe, **A History of Women Philosophers**, citada nas nossas referências. Apesar de grandiosa, está em língua inglesa e, considerando a realidade dos alunos da UEPB, isso dificulta o seu acesso, daí a importância da nossa pesquisa em língua vernácula.

construções culturais e o que ocorreu com essa mesma cultura para permitir que semelhante fenômeno ocorresse, respondem dizendo que elas nos falam diretamente e que suas vidas e conseqüentemente seus pensamentos nos chegaram a partir de suas próprias escritas e de suas próprias vozes (Cf. *Idem*, p. 12)¹³.

Em termos sociais, podemos dizer, retomando alguns projetos anteriores, que esperamos contribuir com uma nova leitura sobre a produção feminina na História da Filosofia. Nova leitura isenta de preconceitos que, do nosso ponto de vista, deve ser o pressuposto básico do respeito pelas diferenças. Neste caso, a diferença aqui é o gênero feminino, embora a pesquisa não esteja centrada diretamente nesta questão. Mesmo assim, nos parece inegável a contribuição que as mulheres deram à Filosofia. Esperamos, também, com as pensadoras abordadas, proporcionar uma nova leitura da História da Filosofia, ou seja, esperamos que o pensamento feminino possa ser visto como uma filosofia importante para reflexão de alguns temas atuais e não como um pensamento delirante ou mesmo destituído de sentido. Podemos acrescentar ainda que a pesquisa deve contribuir para divulgar uma área da História da Filosofia ainda pouco conhecida nos meios acadêmicos brasileiros, embora tenhamos pesquisadores (sobretudo pesquisadoras) que estudem a filosofia produzida pelas mulheres nas universidades públicas brasileiras, mas esses ainda são poucos, sobretudo nas universidades públicas nordestinas.

Referências

BATTERSBY, Christine. Philosophy: the recalcitrante discipline. *Woman: A Cultural Review* v. 3, n. 2, p. 121-132.

CHRISTINE DE PIZAN. *A Cidade das damas*. Trad. de L. E. Deplage. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

CIRLOT, Victoria e GARÍ, Blanca. *La mirada interior: escritoras místicas y visionarias em la Edad Media*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1999.

DEPLAGNE, Luciana Calado (org.). *As intelectuais na Idade Média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

¹³Vozes que soam de diferentes maneiras, já que as primeiras produções femininas se expressam em suas línguas maternas, daí os primeiros textos redigidos em alemão, em neerlandês, em francês, que misturam com muita propriedade a Literatura Cortês, a Filosofia Neoplatônica, as Sagradas Escrituras, o verso e a prosa.

FERREIRA, Maria Luisa Ribeiro. As mulheres entram na Filosofia. *Philosophica*, Lisboa, v. 18, p. 61-77, 2001.

_____. Spinoza, Hobbes e a condição feminina. *In: O que os filósofos pensam sobre as mulheres*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010, p.137-164.

_____. Apresentação. *In: O que os filósofos pensam sobre as mulheres*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010, p.7-15.

LLYOD, Geneviève. *The man of the reason: male and female in Western Philosophy*. London: Routledge, 1994.

MOULTON, Janice. A paradigm of philosophy: the adversary method. *In: GARRY, Anne; PEARSALL, Marilyn (eds.). Women, knowledge and reality: explorations in feminist philosophy*. London: Routledge, 1996, p. 5-20.

PACHECO, Juliana (org.). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

_____. *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

PIOVEZANI, Helenice Vieira. *As mulheres na filosofia*. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2016

RUDICK, Sarah. *Maternal thinking: towards a politics of peace*. Boston: Beacon Press, 1989.

TUANA, Nancy. *Woman and the history of philosophy*. New York: Paragon House, 1992.

WAITHE, Mary Ellen (org.). *Women philosophers*. Dordrecht/Boston/Lancaster: Martinus Nijhoff Publishers, 1987 (Vol. I, Ancient Women Philosophers, 600 B.C.-500 A.D.)

_____. *Women philosophers*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academia Publishers, 1989 (Vol. II, Medieval, Renaissance and Enlightenment Women Philosophers, 500-1600).

_____. *Women philosophers*. Dordrecht/Boston/London: Springer Science/Business Media, 1991 (Vol. III, Modern Women Philosophers, 1600-1900).

_____. *Women philosophers*. Dordrecht/Boston/London: Springer Science/Business Media, 1994 (Vol. IV, Contemporary Women Philosophers, 1900-today).

WARNOCK, Mary (ed.). *Woman philosophers*. London: Everyman, 1996.